

Novos caminhos no regionalismo em *A cabeça do santo*, de Socorro Acioli

New paths in regionalism in *A cabeça do santo*, by Socorro Acioli

Jian Marcel Zimmermann

Doutor em Literatura Comparada

Instituto Federal Sul-Rio-Grandense

orcid.org/0000-0002-5769-9348

jianmarcel@yahoo.com.br

Resumo: O romance regional é uma vertente que se popularizou ao longo da história literária brasileira, seja pela qualidade estética, seja pelo exótico. Esta vertente, entretanto, segue sendo produzida e obtendo sucesso de público e atenção da crítica. Pretendemos com nosso estudo analisar de que modo este gênero apresenta-se na contemporaneidade, quais seus vínculos com a produção tradicional e quais os elementos atuais que se somam na construção literária. Neste sentido, buscamos as definições de alguns dos principais historiadores de nossa literatura, assim como críticos literários que tratam do tema, a fim de estabelecer uma segura base para as nossas avaliações. Como *corpus* analítico elegemos o texto *A cabeça do santo*, da escritora cearense Socorro Acioli, tanto pelo enquadramento temático quanto pelas virtudes construtivas. A pesquisa nos possibilita verificar que a obra em análise apresenta vínculos com produções predecessoras, todavia, insere elementos inovadores e enriquecedores, tanto ao cenário regional, que passa agora a ser urbano, quanto em termos de linguagem, que prioriza a narração dos eventos em detrimento de marcas tipificadoras. Trata-se, enfim, de um romance em que fruição e conteúdo reflexivo equilibram-se em uma estrutura que mescla o tradicional ao contemporâneo, sem prejuízo ou juízo de valor nesta relação.

Palavras-chave: Romance; Regionalismo; Socorro Acioli.

Abstract: The regional novel is a trend that has become popular throughout Brazilian literary history, be it for its aesthetic or exotic quality. This kind of novel, however, continues to be produced and obtaining public success and critical attention. With our study we intend to analyze how this genre is presented in contemporary times, which are its links with traditional production and what are the current elements that are added in the literary construction. In this sense, we seek the definitions of some of the main historians of our literature, as well as literary critics who deal with the subject, in order to establish a secure basis for our evaluations. As an analytical *corpus*, we chose the text *A Cabeça do santo*, written by Ceará writer Socorro Acioli, both for its thematic framework and for its constructive virtues. The research allowed us to verify that the novel under analysis has links with predecessor productions, however it inserts innovative and enriching elements, both in the regional scenario, which now becomes urban, and in terms of language, which prioritizes the narration of events instead of typifying marks. It is, in conclusion, a novel in which enjoyment and reflective content are balanced in a structure that mixes the traditional with the contemporary, without value judgment in this relationship.

Keywords: Novel; Regionalism; Socorro Acioli.

Submetido em 06/10/2024

Aprovado em 26/02/2026

O presente estudo visa problematizar, do ponto de vista histórico-literário e estético, a narrativa de cunho regional. Fato é que abundam os estudos sobre o tema proposto, entretanto, boa parte deles detém-se em obras e autores, que em virtude de sua qualidade estética, sucesso de crítica e público, já galgaram o status de clássicos. Nossa pesquisa, todavia, desenvolverá reflexões sobre as variantes contemporâneas nessa vertente estética, haja vista a permanência do interesse do público e da inclinação de autores para sua produção.

Como *corpus* de análise elegemos o romance *A cabeça do santo*, da autora cearense Socorro Acioli (2014). Trata-se de uma narrativa cujo enredo transcorre numa cidade do interior do estado do Ceará, na qual o protagonista, *Samuel*, tenta cumprir as tarefas prometidas à mãe em seu leito de morte. No cumprimento de sua promessa, encontrar o pai e acender velas para alguns santos, ele se depara com eventos insólitos na cidade para a qual se deslocou, a ficcional *Candeia*. Encontra abrigo na cabeça da estátua gigantesca e inacabada de santo Antônio, de onde consegue ouvir as orações dirigidas ao santo de vários locais da cidade, o que vira o mote de diversos episódios da narrativa.

Nosso intuito é, a partir do texto escolhido, analisar a estrutura do romance regional contemporâneo, identificar de que modo ele se alinha às produções tradicionais e em que pontos há a inserção de novos elementos. Outrossim, objetivamos modestamente operar uma flexibilização do cânone, no sentido de ampliá-lo mediante a inserção de textos de qualidade, mas que ainda carecem de visibilidade crítica.

Para a efetivação de nosso estudo, recorreremos às reflexões produzidas na área da História da Literatura Brasileira e da Crítica Literária, tantos de críticos pretéritos, mas ainda sobremaneira relevantes, como de estudiosos contemporâneos. Autores como Antonio Candido, Nelson Werneck Sodré, Alfredo Bosi, Ligia Chiappini e Karl Eric Schollhammer são exemplos de estudiosos que fornecem a base de nossas reflexões, no sentido de criar um panorama histórico e, ao mesmo tempo, elencar elementos estéticos/estruturais para o desenvolvimento de seguras conclusões acerca de tão relevante tema.

1. O espaço em discussão

O regionalismo na literatura não é um fenômeno exclusivamente brasileiro, tampouco desenvolvido originariamente aqui, entretanto, em nosso país, foi (e quiçá continue sendo) uma vertente preferencial para muitos autores e leitores e, em alguns casos, obtendo boa recepção crítica. Há algumas hipóteses para o surgimento deste gênero¹ no Brasil, algumas de cunho literário, outras provenientes de distintas áreas do conhecimento, como a apresentada por Antonio Candido:

A unidade política, preservada às vezes por circunstâncias quase miraculosas, pode fazer esquecer a diversidade que presidiu à formação e desenvolvimento da nossa cultura. A colonização se processou em núcleos separados, praticamente isolados entre si: o desenvolvimento econômico e a evolução social foram, assim, bastante heterogêneos, consideradas as diferentes regiões. (CANDIDO, 1993, p. 267)

Para o autor, o regionalismo literário seria a transposição, para a arte, de um contexto histórico social formado por ilhas de culturas, mais ou menos autônomas e diferenciadas. Apesar desta tese apresentar certo cunho determinista, que, em princípio, desconsidera variantes que também podem ter concorrido para a formação da literatura regional, ela contribui para que possamos traçar um panorama do surgimento do gênero, a partir das diferentes, mas não excludentes, hipóteses.

Outra linha de pensamento, à qual se vincula Nelson Werneck Sodré, vê o aparecimento deste gênero como um natural desenvolvimento de outra tendência artística já pré-existente em nosso meio, o “sertanismo”. Conhecido também como “literatura da seca” ou “conto sertanejo”, seria uma espécie de bosquejo, uma preparação para o surgimento de uma linhagem mais complexa, como afirma o autor:

Ao esboço de literatura regional que acompanha o desenvolvimento romântico, convencionamos conhecer como sertanismo. Regionalismo, a rigor, começa a existir quando se aprofundam e se generalizam, a ponto de surgirem em zonas as mais diversas, manifestações a que o romantismo não poderia fornecer os elementos característicos. (SODRÉ, 1995, p. 403)

O surgimento do gênero pode ser visto, ademais, como fruto artístico do conflito de um espaço predominantemente rural com a industrialização, a urbanização e a modernização. Paradoxalmente, sua produção é um produto, contrapontístico, do

¹ Muito embora existam estudos específicos e sólidos sobre os gêneros literários, usaremos aqui, provisoriamente, o termo “gênero” apenas como nomenclatura para uma variante literária.

fenômeno moderno e urbano. Em um país com acelerada urbanização e laivos de industrialização, boa parte da produção cultural celebrava ou problematizava, mas, acima de tudo, tematizava este contexto. Neste sentido, a literatura regional surge como um gênero alternativo, um modo de chamar a atenção para outra estrutura social, que tenta viver, ou sobreviver, apesar de ter como basilares muitos elementos quase que obsoletos, mas nem por isso menos brasileiros.

O objeto de nossa investigação, a narrativa de cunho regional, estrutura-se a partir do pressuposto de que há, dentro de nosso território nacional, práticas distintas do que se considera “o modo de vida regular brasileiro”. Esta vertente literária tem como base a atenção centrada em elementos inerentes a determinados espaços geográficos, que acabam por ter implicações nas demais esferas da ação humana. Desenvolve-se, então, uma dialética entre o local e o universal, algo que, para Antonio Candido, não é exclusivo desta tendência artística:

Se fosse possível estabelecer uma lei de evolução de nossa vida espiritual, poderíamos talvez dizer que toda ela se rege pela dialética do localismo e do cosmopolitismo, manifestada pelos modos mais diversos. (CANDIDO, 2000, p. 109)

O regionalismo, em seus primórdios, era concebido como uma literatura de matiz rural, uma forma de pensar a terra e o homem do interior do Brasil. Outrossim, apesar de tematizar uma situação específica oriunda da realidade factual, desenvolvia-se sob a égide de uma espécie de patriotismo regional, com certo grau de bairrismo idealista.

Por conseguinte, é de fundamental importância o senso da terra, da paisagem que condiciona tão estreitamente a vida de toda a região, como afirma Nelson Werneck Sodré: “A natureza absorve, na ficção regionalista, o papel do homem e este vive em função dela, esmagado pela sua imponentia.” (Sodré, 1995, p. 406). Assim, o homem e o meio se mesclam em uma formação identitária indissolúvel, que tem implicações nas mais variadas searas da vida. Lúcia Miguel Pereira assim define essa relação:

Obras cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes e linguagens locais, cujo conteúdo perderia sem esses elementos exteriores, e que se passem em ambientes onde os hábitos e os estilos de vida se diferenciem dos que imprimem a civilização niveladora. (PEREIRA, 1998, p. 179)

O meio rural, transformado em matéria literária, era constituído de problemas complexos e específicos, como, por exemplo, a decadência da aristocracia rural, o êxodo rural, etc., nem sempre transpostos aos enredos com a devida relevância. Tais contingências configuravam-se, deste modo, como elementos formadores e diferenciadores deste espaço geográfico, que poderiam ser problematizados com mais frequência e ênfase na formação dos enredos. É também desta peculiaridade que fala José Maurício Gomes de Almeida:

Partimos da ideia básica de que, para que uma criação artística possa ser considerada regionalista deve haurir sua matéria e a sua substância na própria realidade físico-cultural da região, ainda que para transcendê-la. Admitimos também que a criação regionalista surge normalmente quando esta realidade se apresenta suficientemente diferenciada – ao todo ou em alguns de seus aspectos decisivos – para alimentar uma obra peculiar. (ALMEIDA, 1981, p. 159)

Sob um ângulo mais amplo, vê-se que o regionalismo opera como uma vertente cultural de resistência, principalmente nos primórdios de seu surgimento, quando ainda era chamado de “sertanismo”: “O sertanismo revela o anseio, num país onde a cultura é importada, de valorizar os elementos mais genuinamente nacionais.” (SODRÉ, 1995, p. 405). Trata-se, ademais, de uma reação ao Iluminismo e à centralização do estado-nação, que hoje se transfigura em embate à globalização.

A literatura regional, desde sua origem, funciona, nos casos de maior êxito estético e ideológico, como um processo de interpretação histórica e social da vida brasileira, de um Brasil à margem do imaginário hegemônico, cujas idiossincrasias são distintas das apresentadas pelo “brasileiro médio” (se é que se pode imaginar este conceito sem um considerável grau de impropriedade). Uma simplificação frequente neste panorama é a sobreposição do problema ao personagem, uma preponderância viciosa superada apenas pelos escritores mais hábeis. Entretanto, esta característica não desabona as virtudes do gênero, como afirma Sodré:

Revelou o Brasil aos brasileiros, apesar de seus quadros pejados de natureza ou dos entraves da erudição verbalista que proporcionou em muitos casos. Procurou dar à cor local um sentido mais profundo do que o trazido pelo sertanismo. (SODRÉ, 1995, p. 408)

A caracterização deste espaço, geográfico/histórico/social, mas, acima de tudo, ficcional, foi vinculada por questões culturais, como o folclore, a religiosidade e a

tradição num sentido mais amplo. No intuito de transcender este sustentáculo inicial em busca de uma experiência estética universal, os artistas deparavam-se com o desafio de equalizar a relação entre inventário e invenção, e o resultado é que, em poucos casos, a humanidade singular dos personagens dominou os fatores do enredo: meio social, paisagem, problema político. A beligerância com que alguns críticos literários avaliaram o regionalismo justifica-se pela falta de equilíbrio no tratamento destes elementos, literários e humanos, bem como pela automatização dos processos criativos, repetição irrefletida dos modelos bem-sucedidos, que acabavam resultando em obras caricatas, pobres do ponto de vista estético, e pouco desafiadoras intelectualmente.

De acordo com Marisa Lajolo, a tradição regionalista no romance brasileiro o define com base no referente, e não no discurso, porém, pensar o sistema literário tangenciando a questão linguística é inviável: “A questão da literatura regionalista é, como todas as questões literárias, uma questão de linguagem: por um lado, linguagem como o código de que se tece a literatura, e, de outro, concepção da literatura como linguagem.” (Lajolo, 1998, p. 317). Tanto as estratégias discursivas como a linguagem representada dos personagens são decisivas neste gênero literário, pois é a partir delas (mas não somente) que se cancelam outros elementos, como a verossimilhança, por exemplo.

Este é um dos desafios apontados por Ligia Chiappini nas obras que expressam regiões rurais e nelas situam suas ações e personagens, expressar suas particularidades linguísticas:

Criar uma linguagem que suprisse com verossimilhança a assimetria radical entre o escritor e o leitor citadino em relação ao personagem e ao tema rural e regional, humanizando o leitor em vez de aliená-lo em relação ao homem rural representado. (CHIAPPINI, 2020, p. 154)

Chamamos a atenção para o fato de Chiappini preocupar-se com a relação estabelecida com o leitor, deste modo, atribuindo uma função específica à linguagem da literatura regional: criar uma imagem humana do personagem ficcionalizado, não alienante, caricatural, o que só solidificaria preconceitos já historicamente conhecidos. No próprio conceito de literatura regional desenvolvido pela autora, a linguagem é definida com protagonismo que transcende o literário:

O regionalismo lido como uma tendência mutável onde se enquadram aqueles escritores e obras que se esforçam por fazer falar o homem pobre das áreas rurais, expressando uma região para além da geografia, é uma tendência que tem suas dificuldades específicas, a maior das quais é tornar verossímil a fala de outro de classe e de cultura para um público citadino e preconceituoso que, somente por meio da arte, poderá entender o diferente como eminentemente outro e, ao mesmo tempo, respeitá-lo como um mesmo: “homem humano”. (CHIAPPINI, 2020, p. 157)

Em alguns dos textos que inauguraram o regionalismo no Brasil, houve uma utilização desmedida da linguagem supostamente da região, o que fez surgir a necessidade de glossários nas obras literárias (adagiários, vocabulários), prática sob certo aspecto depreciativa a esse homem, acentuando pré-julgamentos negativos com relação à civilidade, inteligência e, até mesmo, humanidade, como afirma Sodré:

A deformação pelo linguajar começaria, aliás, por mostrar a rudeza dos personagens, e acabaria por uma artificiosidade singular e contrastante, desembocando numa erudição de mandarinato, naquela “requintada estilização” mencionada por um crítico. Enquanto conservada nos limites irreais do linguajar próprio de cada zona, denunciava deficiências do processo. (SODRÉ, 1995, p. 408)

Em uma reflexão cujo objeto é similar, Alfredo Bosi aponta dois possíveis caminhos para a execução desta tarefa:

A armadilha, que espera aliás todo primitivismo em arte, poderia ser desfeita por alternativas extremas: o puro registro da fala regional (neofolclore), ou a pesquisa dos princípios formais que regem a expressão da vida rústica, para com eles elaborar códigos novos de comunicação com o leitor culto. (BOSI, 2003, p. 141)

O autor não apresenta juízo de valor entre as duas alternativas aventadas, pois são estratégias já utilizadas com êxito ao longo do desenvolvimento do gênero. Encontramos, nas palavras do autor, novamente uma preocupação com o leitor, o que nos direciona a pensar a literatura regional como uma vertente cultural de largo alcance, pois as menções aos leitores, via de regra, apontam para um leitor culto (oriundo de outros espaços geográficos), não familiarizado com especificidades linguísticas peculiares de determinadas regiões do Brasil.

Apesar das duras críticas proferidas ao gênero ao longo de nossa história literária, ele sobrevive, tanto em termos de publicação de obras quanto de produção acadêmica, em que olhos mais bem aparelhados e destituídos de preconceitos logram contribuições deveras relevantes à nossa cena cultural, como afirma Chiappini:

O regionalismo, que setores da crítica literária brasileira consideravam uma categoria ultrapassada, continuava presente e, até mesmo, tinha se tornado tema de pesquisas muito atuais, ganhando uma amplitude maior na intersecção dos estudos literários e artísticos, históricos e etnológicos. E de que, naturalmente, o incremento de tais estudos se devia, em grande parte, ao reaparecimento dos regionalismos, como decorrência só aparentemente paradoxal da chamada globalização. (CHIAPPINI, 2020, p. 153)

Em tempos idos, era possível classificar um autor como regional, em função da dedicação quase que exclusiva ao gênero. Já com relação aos autores contemporâneos, esse tipo de classificação fica cada vez mais imprecisa. Na produção literária atual, o que predomina é o hibridismo, tanto que Karl Eric Schollhammer (em seu livro *Ficção brasileira contemporânea* [2009], texto que se desenvolve como uma história da narrativa brasileira contemporânea), no capítulo intitulado *Um novo regionalismo* (p. 77), mescla escritores e obras que, a rigor, poderiam ser vinculados com mais segurança a outras vertentes literárias (romance histórico, de migração, etc.). Apoiado na transformação das características do regionalismo, o autor cita, a título de exemplo, escritores díspares, como Milton Hatoum, Luiz Rufatto, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, José Clemente Pozenato, Luiz Antonio de Assis Brasil. Ademais, aponta para outras relevantes reflexões:

Ao passar pelas experiências de, por exemplo, Sargento Getúlio (1971), de João Ubaldo Ribeiro, *Essa terra* (1976), de Antônio Torres, *Os desvalidos* (1993), de Francisco J. C. Dantas, entre outros, as características do regionalismo se transformaram de múltiplas maneiras, estabelecendo diálogo com as obras emblemáticas de Guimarães Rosa e Graciliano Ramos. Em algumas obras atuais, a questão regional abre mão do interesse pelos costumes, pela tradição e pelas características etnográficas para se tornar um palco da tensão entre campo e cidade, entre a herança rural e o futuro apocalíptico das grandes metrópoles. (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 78)

A modernização das técnicas agrícolas, o êxodo rural e o desenvolvimento das cidades fizeram com que o regionalismo tivesse que ser reconfigurado a fim de seguir relevante, e não apenas uma ode à nostalgia. A “tensão entre o campo e a cidade”, apontada por Schollhammer, é vista por Alfredo Bosi como uma espécie de “regionalismo crítico”, no qual o meio geográfico poderia no máximo condicionar, mas não determinar, o desenvolvimento humano. Ao qualificar os romances a partir do critério de tensão, Bosi apresenta a seguinte definição: “Romances de tensão crítica. O herói opõe-se e resiste agonicamente às pressões da natureza e do meio social, formule ou não em ideologias explícitas, o seu mal-estar permanente.” (BOSI, 2003, p. 392);

classificação que pode ser associada à boa parte da literatura regional produzida na contemporaneidade.

O que fica explícito no regionalismo de hoje é que há consciência da relação inextrincável entre o ideológico e o estético, que o uso de modelos pré-concebidos, ou de tipos sociais, pouco contribui para a representação do humano na literatura, que o espaço geográfico pode ser um recurso literário rico, se não utilizado como pretexto artificial para o enquadramento seguro da obra em classificações seculares. Há, ainda, no âmbito temático, o intuito de superar o otimismo autocentrado das elites ganhadoras ou o simples ressentimento das frações perdedoras, simplificação que já foi corrente, mas que hoje em dia soa, no mínimo, como sinal de fragilidade compositiva.

2. Inovações e Permanências

O romance *A cabeça do santo*, *corpus* de análise de nosso estudo, apresenta muitas características que permitem classificá-lo como uma narrativa regional. Todavia, essas características não se desenvolvem de maneira tradicional, trata-se de uma narrativa contemporânea, que se utiliza de recursos atuais em sua composição, em certo sentido renovando as características seculares do gênero e incluindo novos elementos em sua composição.

O espaço em que transcorre a narrativa é distante dos grandes centros de nosso país, com características peculiares em várias searas. Não se trata mais de um espaço rural, como no romance regionalista tradicional, mas, sim, urbano, o que implica a problematização de novos elementos. Em princípio, há descrições físicas e precisas da cidade, *Candeia*:

Candeia era quase nada. Não mais que vinte casas mortas, uma igreja velha, um resto de praça. Algumas construções nem sequer tinham telhado, outras, invadidas pelo mato, incompletas, sem paredes. Nem o ar tinha esperança de ser vento. Era custoso acreditar que morasse alguém naquele cemitério de gigantes. (ACIOLI, 2014, p. 17)

No entanto, há, ao longo da narrativa, uma espécie de personificação deste espaço urbano, em que a vida do protagonista e da cidade passam a entrelaçar-se: “Candeia estava viva novamente” (ACIOLI, 2014, p. 76). Assim, as descrições deixam de ser exclusivamente físicas, desenvolvem agora a vida da (na) cidade:

Mas era difícil para ele suportar que na cabeça de sua esposa só coubesse aquele pequeno mundo de Candeia, quem casou, quem morreu, quem pecou, a vida dos outros— essa forma de viver sem sonhos, sem caminhos novos, como se aquela cidade fosse o mundo todo, e não era. O mundo é grande, cheio de coisas, tudo longe dele. (ACIOLI, 2014, p. 119)

A construção literária desse espaço se dá pela soma de outros elementos, não apenas físicos, mas que remontam à tradição cearense que se mantém mesmo com o deslocamento do meio rural para o meio urbano. Percebe-se esse artifício tanto nos ditos populares, “...no sertão, mulher que não casa é mandacaru sem flor.” (ACIOLI, 2014, p. 75), quanto em elementos do enredo:

Mariinha tinha vinte e cinco anos quando conheceu Manoel, que viera para Tauá a trabalho e tinha data certa para ir embora. Era a caçula, condenada pela tradição do sertão a não casar e tomar conta do pai, viúvo, enquanto ele vivesse. (ACIOLI, 2014, p. 44)

Boa parte da narrativa regional problematizou o êxodo rural, o deslocamento pelo sertão em busca de melhores condições de vida, e a relação deste problema com a vida de seus personagens. Em *A cabeça do santo*, entretanto, estamos diante de outra contingência, aquilo que Lucas chama de migração intrarregional:

As mesmas análises empreendidas no tópico anterior são aplicadas para os migrantes intrarregionais nordestinos, isto é, aqueles que no período de data fixa, mudam de município de residência, se deslocando de um município de alguma Unidade da Federação pertencente à macrorregião Nordeste para outro município, nem sempre também localizado na mesma UF, mas necessariamente naquela macrorregião. (LUCAS, 2020, p. 8)

Os personagens transitam da cidade ficcional de *Candeia* para Fortaleza, Baturité, Tauá, Canindé, ou seja, cidades vizinhas ou dentro do estado do Ceará. Há muitas motivações para estes deslocamentos, mas o que se enfatiza no romance é que a prosperidade econômica de uma cidade instiga a vinda de novos moradores, o que se verifica de fato no enredo em questão.

O espaço não perde protagonismo nesta nova configuração da narrativa regional, mas a natureza sim, os elementos naturais cedem espaço para as obras humanas. O que assola o protagonista, por exemplo, no início e no fim do romance, é o deslocamento

pelo asfalto. A chuva, por outro lado, elemento outrora tão relevante, está presente também no início e no fim do romance, sem que tenha relevância econômica ou social, surge apenas como um elemento figurativo no enredo.

A religiosidade segue sendo um componente fundamental na construção do romance. Vida, morte e ressurreição da cidade (personificada ao longo da narrativa) estão ligadas à construção da estátua de Santo Antônio. Entretanto, agora há a problematização desta religiosidade, o questionamento de seu uso para angariar recursos econômicos, tanto na figura do protagonista e seus amigos como na do padre da cidade. Ademais, agora temos, por parte de alguns personagens, um posicionamento iconoclasta com relação a esse tema, não como devoção incondicional e principal fonte de esperança:

A gente arma tudo. Faz casamento ou confusão, depende do caso. Chantagem dá dinheiro. Eu não acredito em santo, nem em amor, eu quero é ficar rico. Sou nascido e criado vendendo coisa pra romeiro, homem, confia em mim. (ACIOLI, 2014, p. 42)

Samuel, o protagonista, apresenta ceticismo religioso: “... santos eram todos uma mera invenção dos desesperados, e nada do que Mariinha dissera a vida toda o convenceu do contrário. Santos são pedras e só pedras. Era a lei de Samuel.” (ACIOLI, 2014, p. 75). Os fantásticos acontecimentos da narrativa amainaram a descrença do protagonista, mas não o tornaram devoto, apenas trouxeram um pouco de dúvida em sua crença agnóstica.

O romance apresenta-nos, ademais, outra característica contemporânea, a inquietação mediante a opressão que o povo historicamente vem sofrendo. O prefeito da cidade de *Candeia*, *Osório*, há muito tempo desvia dinheiro da administração da cidade para seu próprio uso. Esta denúncia é feita a partir de um cordel, que convulsiona a cidade:

Naqueles versos e rimas havia a grave denúncia de que Osório, o eterno prefeito, havia roubado muito, mas muito dinheiro dos cofres do município. Descrevia sua casa na capital, o luxo dos seus carros, as joias da esposa— que, segundo o cordel, era muito bem tratada para que nunca desconfiasse de um caso de amor secreto em candeia. (ACIOLI, 2014, p. 89)

No entanto, a obra não apresenta uma idealização política. Assim como no mundo factual, a justiça ainda não consegue diferenciar culpados e inocentes com

eficiência, e o prefeito ainda tem outro inescrupuloso plano para *Candeia*: “A ideia era vender o terreno de Candeia para uma empresa que construiria uma fábrica ali, mas Osório só poderia fazer isso quando todas as casas estivessem— ilegalmente— em seu nome.” (ACIOLI, 2014, p. 134). Apesar das denúncias e da comprovada culpabilidade do prefeito, o enredo aponta apenas para uma tomada de consciência popular, pois *Osório* segue usando a força da máquina pública para amedrontar e silenciar seus oponentes. Assim como percebemos factualmente em nosso país, a justiça desponta, mas ainda não se efetiva.

A narrativa regional notabilizou-se por apresentar uma linguagem peculiar, por vezes reproduzindo a fala característica dos personagens, por vezes o próprio narrador apresentando particularidades linguísticas. Em *A cabeça do santo*, verificamos um narrador tradicional, em terceira pessoa, onisciente, que desenvolve uma narrativa não linear, a fim de explicar eventos pretéritos e manter o mistério do enredo até seu clímax. Este narrador utiliza-se de um discurso direto ao introduzir a fala dos personagens, e o que chama a tenção é que, por vezes, há notável economia linguística:

–Veio como?
 – A pé.
 – O caminho todo?
 – Foi.
 – Quantos dias?
 – Uns quinze.
 – Dezesseis.
 – Como a senhora sabe?
 – Eu sei.
 (ACIOLI, 2014, p. 24)

A utilização de tal restrição tem implicações na caracterização dos personagens, sugerindo articulação precária e simplicidade de raciocínio. A própria linguagem utilizada pelo narrador ao desenvolver o enredo nos mostra a opção pela simplicidade, trata-se de um uso de linguagem culta, mas propositalmente sem requintes de sofisticação:

Houve um momento, na estrada, em que ele olhou para trás e percebeu que não enxergava mais o homem branco e gigantesco que não foi forte o suficiente para salvar a sua mãe de uma vida de desgostos e uma morte miserável. (ACIOLI, 2014, p. 48)

O que atribui, de forma branda, certo caráter regional à linguagem é a utilização de certos ditos populares. Entretanto, o modo mais constante na caracterização linguística é o uso de linguagem padrão vincada com interjeições regionais: “– Cadê o café, Helenice? Deixa de praguejar, coisa-ruim!” (ACIOLI, 2014, p. 18).

Outro recurso linguístico utilizado na narrativa é a criação de neologismos, o que não é inédito na literatura regional, e que, no romance em questão, aparece de forma muito esporádica: Santo enxaquecoso (p.73); milagrar (p.78); desfelicidade (p. 113). Assim, diferentemente do que via de regra se encontra na literatura regional, este romance enfatiza outros aspectos locais, não os linguísticos, que procuram apenas de forma tênue localizar geograficamente a narrativa.

A crítica que com frequência se atribuía à literatura regional, de que o aspecto humano era suplantado pelo ambiente, que havia a criação de tipos sociais ao invés de personagens com subjetividade consistente, não se aplica ao romance em questão. O enredo desenvolve a trajetória do protagonista, *Samuel*, no cumprimento de uma missão familiar, que, evidentemente é permeada pelo contexto regional, mas cujo cerne encontra-se no drama humano. Para isso, em princípio, temos a exposição física do homem:

Os cabelos escuros e lisos cresciam rápido e já escorriam de forma irritante sobre a testa, atrapalhando a vista. Tinha olhos pequenos, sobrancelhas fartas e juntas acima do nariz, boca carnuda e traços de índio, herdados da mãe, Mariinha. (ACIOLI, 2014, p. 13)

Samuel não é um tipo social, mas um personagem com sentimentos subjetivos, que em sua jornada por *Candeia* encontra, por vias tortas, família, amizade e respeito, mas que não suplantam em definitivo os momentos de fragilidade: “Foi o dia mais difícil naquele quase um ano de jornada desde que Samuel desceu, correndo, a ladeira do Horto do Juazeiro. A consciência da solidão doía mais que qualquer outra dor.” (ACIOLI, 2014, p. 116). Outrossim, a mágoa que sempre o acompanhou, muito embora com laivos de idealização, serve de motivação para a concretização de sua missão:

Se pudesse, mataria o pai. Nunca matou, não tinha arma, não tinha ideia do tamanho do homem. Eram anos de motivos, especialmente pelos últimos quinze dias, o rosto de Mariinha, o fio de voz, os quatro pedidos. Respirou fundo e foi. (ACIOLI, 2014, p. 22)

A narrativa se constrói de forma bastante criativa por meio de histórias entrelaçadas de personagens, revelações de parentescos insólitos etc., catapultados a partir da missão dada ao protagonista pela mãe, *Mariinha*, em seu leito de morte.

Eu quero que você acenda três velas pra minha alma. A primeira no santuário do meu padim Cícero, a segunda na estátua do São Francisco de Canindé, no dia em que você puder ir lá, não carece de pressa. E a terceira é para santo Antônio, porque ele era o santo de devoção da minha mãe. Todas três nos pés deles, meu filho, encostadas nos pés, isso é importante pra mim. Mas o meu maior pedido é que você vá pra Candeia procurar sua avó e seu pai. (ACIOLI, 2014, p. 28)

Deste modo, verifica-se que as circunstâncias regionais são inseridas na narrativa de forma equilibrada com relação às contingências individuais. A narrativa se constrói a partir do entrelaçamento entre o local e o humano, sem que haja uma clara hierarquia, nenhum dos dois opera em função do outro, há um eficaz trabalho de tessitura em que as partes formam um todo indissolúvel.

Um elemento inovador na categoria de romance regional apresentado em *A cabeça do santo* é o uso massivo de acontecimentos fantasiosos, sobrenaturais. Não se trata de um recurso inédito na literatura, pois o realismo fantástico² fez largo uso desse expediente, mas, em se tratando de regionalismo, esse nível de fantasia diferencia o romance em questão.

O protagonista, ao chegar em *Candeia*, acaba habitando a cabeça de uma estátua gigantesca de santo Antônio, que jazia no solo, tendo em vista que não teria sido possível concluir sua construção. Não bastasse o insólito da situação, na cabeça do santo era possível, exclusivamente para *Samuel*, ouvir as orações proferidas nos arredores da cidade:

O fato é que as orações das mulheres reverberavam dentro da cabeça do santo e, por algum motivo, Samuel conseguia ouvir. No dia seguinte ele comeu goiaba, folhas, bebeu água da chuva e percebeu que as orações aconteciam de manhã e à tarde. Nem

²Corrente estética mundialmente estabelecida, mas desenvolvida sobretudo por escritores latino-americanos na segunda metade do século XX. Chiampi (1980) prefere o termo realismo maravilhoso ao se referir a narrativas que combinam uma visão realista do mundo com elementos mágicos que são inseridos em cenários cotidianos.

sempre todas as vozes, nem sempre as mesmas palavras, mantinha-se apenas o pedido: elas amavam e queriam casar. (ACIOLI, 2014, p. 34)

Ademais, *Samuel* conseguia ver e falar, parcamente, com a avó já falecida (sem que, em princípio, ele soubesse de seu falecimento), além do fato de que as mulheres de sua família conheciam instintivamente a data da própria morte. A trama do romance desenvolve-se tendo como núcleo central estes fabulosos eventos, que interferem na vida dos personagens e da própria cidade. Os episódios, aventuras e desventuras narradas no romance são alicerçadas nesses elementos fantásticos, criando vínculos com eventos de ocorrências mais naturais, preservando a verossimilhança do texto.

Os elementos regionais (mas não exclusivamente) componentes do romance *A cabeça do santo* recebem, em muitos momentos, o condimento do humor, de distintas maneiras e com diferentes implicações. A construção de alguns episódios é baseada na comicidade, como, por exemplo, o do menino que usava a cabeça do santo como esconderijo para ver revistas de cunho pornográfico. Além disso, os diálogos que derivam deste acontecimento também apresentam tom jocoso:

–Então é, ela me deu pão seco e a velha me enxotou com a vassoura. A voz tá diferente, mas deve ser efeito do alto-falante desse diabo de santo.
– Não chama o santo de diabo, homem, é pecado.
– E ler revista de mulher nua na cabeça do santo, é pecado não? (ACIOLI, 2014, p. 40)

A ingenuidade na designação dos nomes e apelidos dos personagens também apontam para o burlesco. A personagem *Madeinusa*, por exemplo, é assim nomeada pelo pai a partir de uma expressão em inglês que designava a origem de um aparelho eletrônico (made in USA, em inglês, significa “feito nos Estados Unidos da América”³):

Era bonita, Madeinusa, sempre foi. Seu pai falava que coisa linda como ela haveria de ser importada, como o rádio que ele comprou. Na caixa estava escrito: “Made in USA”. – O nome da minha filha veio do estrangeiro, eu só fiz juntar as letras. (ACIOLI, 2014, p. 54)

O humor presente no romance também é utilizado a fim de introduzir um viés crítico, a partir da ironia. Este recurso aplica-se a diferentes aspectos sociais, desde a política até a religiosidade, como no trecho que segue:

³ Tradução do autor.

E graças ao falso recado de santo Antônio, não demorou para que Madeinusa e Adriano marcassem o casamento, pois Helenice não queria filha malfalada. Ou o doutor casava e assumia a desonra ou era melhor ver Madeinusa morta, em nome de Jesus, aleluia. (ACIOLI, 2014, p. 58)

Em suma, o humor perpassa diversos episódios na narrativa, desde eventos centrais como secundários, o que, de certa forma, dá um tom de leveza à narrativa. Ademais, esse recurso atende a diversos propósitos em *A cabeça do santo*, na caracterização de espaços e personagens, introdução de crítica social, política, religiosa, etc., ou seja, é um elemento fundamental na efetivação do texto como objeto estético.

Considerações Finais

A análise do romance *A cabeça do santo* nos permitiu verificar de que modo ele se relaciona com as características fundamentais da narrativa regional, suas aproximações, inovações e transgressões. Em relação ao espaço em que se desenvolve o enredo, há uma virada drástica tanto em termos de ambiente como de problematização. Ao invés de ser ambientado em um espaço rural e tratar de problemas relativos a esse cenário (como a seca e o êxodo rural), a obra de Acioli estrutura-se em um espaço com claras marcas regionais, porém urbano, no qual detectamos problemas como corrupção política e outro tipo de êxodo, que pode ser chamado de migração intrarregional.

A linguagem utilizada pelo narrador, onisciente em terceira pessoa, apresenta cores regionais mais nas situações narradas do que propriamente no vocabulário ou na construção linguística, prática distinta de boa parte dos romances regionais tradicionais. Ademais, a linguagem atribuída aos personagens, apesar de simples e, na maioria das vezes, direta, denota poucas marcas que a localize geograficamente. Entretanto, mesmo utilizando-se de registro padrão, algumas máximas e ditos populares são inseridos na obra.

O romance em questão entrelaça, de forma homogênea, o aspecto humano com o contexto e o espaço que o cerca, equilíbrio este cuja falta foi alvo de crítica constante à narrativa regionalista. O drama pessoal de *Samuel*, sua missão e seu cumprimento, são absolutamente pessoais e centrais no enredo. Entretanto, elementos culturais, religiosos, financeiros e políticos, específicos da região onde transcorre a diegese, muitas vezes determinam ou interferem no desenvolvimento dos episódios.

Não obstante, a diferença mais relevante que *A cabeça do santo* apresenta com relação às demais produções regionais é a inserção massiva de eventos que, apesar de verossímeis, beiram ao mágico ou ao sobrenatural. Eventos como conversas com pessoas falecidas, mulheres que conhecem a data do próprio falecimento etc. estão presentes na maior parte do enredo. Ademais, o mote para a maioria dos episódios é o fato de o protagonista ter a capacidade de ouvir, de dentro da cabeça da estátua de Santo Antônio, as orações realizadas pelas devotas em suas casas. Este recurso, além da fruição à narrativa, estimula a reflexão crítica, pois traz à tona elementos opressores que, por estarem submersos, muitas vezes na tradição, são geralmente aceitos sem maiores contestações.

Referências

- ACIOLI, Socorro. *A cabeça do santo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro: 1857- 1945*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 41, ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos*. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda, 1993.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CHIAMPPI, Irleamar. *O realismo maravilhoso: Forma e ideologia no Romance Hispano-Americano*. São Paulo: Perspectivas, 1980.
- CHIAPPINI, Ligia. *Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo em literatura*. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1989/1128>>. Acesso em 07 mai. 2020.
- LAJOLO, Marisa. Regionalismo e história da literatura: quem é o vilão da história? In: Marcos Cesar Freitas. (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 1 ed. São Paulo: Editora Contexto, 1998. v. 1, p. 297-328.

LUCAS, Leonardo Azevedo Pampanelli; RIGOTTI, José Irineu Rangel. *Análise das migrações inter-regionais e intrarregionais nordestinas: novos paradigmas*. In: XX ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/2801>>. Acesso em: 22 maio 2020.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da Literatura Brasileira: prosa de ficção. De 1870 a 1920*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1998.

SCHOLLHAMMER, Karl Eric. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.